

## FEMINISMO E ANIMAIS: VINGANÇA ATRAVÉS DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Bonneville

numa entrevista sobre o uso de figuras animais não-humanas nas suas obras, a pintora portuguesa Paula Rego disse: *“It’s easier if you make them into animals because you can do things to animals that you can’t do to people because it’s too shocking. You can cut off a person’s tail – like in ‘Wife Cuts Off Red Monkey’s Tail’ - which is a form of revenge for her.”*

gostava de vos contar duas histórias: uma sobre um acontecimento pessoal desolador e outra sobre as minhas performances. ambas estão interligadas, não só através da presença fantasmagórica de animais não humanos, mas também através de animais imbecis bem humanos.

a primeira história é sobre a recorrência de um insulto depois do orgasmo. um insulto que não me foi dirigido propriamente num tom agressivo, nem propriamente jocoso. digamos que me foi dirigido num tom de atrevimento. chamaram-me cabrão. confesso que isso causou algum desconforto, mas que acabei sempre por tentar não dar muita importância ao facto. mas um dia acordei e pensei: porque é que eu hei-de ser um cabrão? que espécie de insulto é este que vem disfarçado de elogio corrompido?

fui tentar compreender o que era um cabrão - fui procurar uma definição para ver se conseguia chegar a alguma conclusão satisfatória.

simplificando as definições, cabrão pode ser: um bode (se falarmos de um animal não humano) ou um indivíduo feio (se falarmos de um homem). um cabrão também pode ser uma cabra grande; e aqui podemos estar a referir-nos novamente a um animal não humano ou a uma mulher má ou de mau porte.

nenhuma destas hipóteses me parece elogiosa, nem engenhosa no seu atrevimento. como acredito não estarem a comparar-me ao animal quando me chamaram cabrão, restam-me duas opções: ou entro na categoria de homem feio ou na categoria da mulher má.

nenhuma destas categorias me parece ideal para dirigir a alguém, pós-orgasmo. atinge-se o orgasmo e diz-se: *és um homem feio* ou *és uma mulher má*. magnânimo, no mínimo.

esses homens que insultam consideram-se grandes estetas, dão um valor extremo à beleza, e fazem disso belos discursos. tendo em conta estes factos, e tendo eles elogiado abertamente a minha beleza, só posso concluir que não me consideram um homem feio. consideram-me então uma mulher má.

porque é que eu sou uma mulher? e porque é que eu sou uma mulher má? a mulher que dá prazer é má? a mulher má é aquela que vive uma “má vida”? serei então – determinado por eles - uma meretriz?

sou um cabrão porque sou uma grande cabra. ou seja, uma grande puta. mas, na verdade, só o sou se estiver a representar o papel que a comunidade gay mais tradicional gosta de chamar de ‘papel passivo’. se invertermos as posições, se eu for o ‘activo’, aí nunca sou um cabrão.

como é que eu sendo, para estes homens, um homem – porque também exigem e insistem em ver-me dessa forma – de repente me transformo numa prostituta, de um momento para o outro? e porque é que essa transformação se tem de dar? que espécie de mal hereditário e inconsciente é este?

que pensem que eu sou um cabrão é algo que eu não posso controlar, e admito que possam utilizar essa ideia como afrodisíaco masturbatório ou como fantasia, mas que mo digam é absolutamente desconcertante. põem-se no papel do homem utilitarista, machista, violento. precisam de o afirmar através do insulto porque não é suficiente que eles saibam que estão a cumprir esse papel, como eu saiba que eu estou a cumprir o meu. eles são o sujeito, eu sou o objecto. o meu corpo torna-se território colonizado.

o problema deste *roleplay* é que é unilateral; eu não sei que ele está a ser posto em prática. ou melhor, sei-o apenas no fim, depois de acabado o jogo. não tenho o direito a escolher, nem tenho direito a desfrutar do papel. o que é pena, porque com certeza iria desempenhá-lo muito melhor.

e assim comprova-se que ainda existem homens – homossexuais, ainda por cima – a perpetuarem ideias arcaicas, preconceituosas, ignorantes e machistas, sobre as mulheres e sobre os papéis que lhes são designados. porque é disso que se trata; de uma reprodução, de uma imitação inconsciente do poder sexual e da subordinação entre homens e mulheres. para estes homens, tudo o que eles possam dominar é inferior e é sujo. tornamo-nos fantasmas de mulheres, fantasmas de animais. quando somos tratados como carne, não somos tratados como pessoas.

os conceitos do que é puro e impuro estão enraizados de uma forma assustadora nestes homens - vítimas de uma educação católica? a origem desta doutrina machista não é consciente, é adquirida como facto. e aquilo que os denuncia é o insulto. um insulto que eles não conseguem conter. um insulto tão curto que carrega toda a história da ignorância, da desigualdade e da violência que é exercida sobre as mulheres – sendo que mulheres são todos aqueles marginalizados por este sistema tirânico em que vivemos. é na linguagem e pela linguagem que a discriminação é feita de forma inconsciente, o que torna tudo ainda mais opressivo.

mas o que eles parecem não saber, é que podemos usar essa nossa suposta inferioridade a nosso favor. e é aqui que entra a segunda história.

uma das primeiras vezes em que usei a figura de um animal nas minhas performances foi em 2006. foi fruto de uma espécie de visão: eu sabia que a performance tinha de acabar com um urso enforcado. não fazia ideia da razão pela qual isso tinha de acontecer e isso atormentou-me durante o processo de criação. mas cedi à intuição. o urso aparecia em cena, arrastando um carrinho de compras. era um urso com um ar pouco simpático, com uma cabeça enorme. deixava que o público e o animal se olhassem durante um tempo e depois retirava a máscara, revelando, por baixo daquele urso antipático, uma figura feminina, loira, de óculos de sol e lingerie. era uma espécie de *femme fatal*. e era ela que juntava todos os pedaços soltos daquele urso para finalmente o enforcar com a sua própria lingerie. a performance acabava com uma música na qual a cantora diz que foi tratada como uma boneca - como se fosse cega, surda e muda -, enquanto eu despia o que me restava dessa persona loira e vestia a minha roupa do dia a dia.

logo após a estreia, o meu irmão explicou-me calmamente que eu tinha transposto a minha relação para aquela performance, que eu estava a matar o meu ex, que eu me estava a vingar. então tudo se tornou mais claro. no entanto, nada é assim tão simples.

um urso, em português, pode ser também um insulto. um bocado como o burro, o urso é um bronco, alguém a quem lhe falta inteligência. mas eu não sou um pessimista: dentro de cada bronco, há uma esperança de poder transformar-se noutra coisa superior. há sempre a hipótese de invocar uma *femme fatal* que age, que erradica a estupidez desse urso imbecil; só uma mulher seria capaz de ter esse poder e essa lucidez, visto que ela se tornou perita em desconstruir e enforçar o comum ideólogo machista. se quisermos invocar deleuze e guattari, podemos acrescentar que é certo que só nos podemos livrar do patriarcado se nos tornarmos minoria, se nos tornarmos mulher, tornando-nos assim revolucionários e colocando-nos no extremo oposto da maioria, ou seja, desse machismo fascista, patriarcal. enforçar esse urso foi, acima de tudo, uma questão de ética.

outro animal que utilizei como metáfora, desta vez já consciente da sua origem e do seu propósito, foi o coelho. um coelho sem-abrigo e solitário que se situa entre a representação de um não-amante, de um não-amor, e de uma frustração. um coelho que sou eu e é o outro. um coelho aparentemente dócil e deprimido, mas cuja raiva é quase impossível de controlar. uma raiva que é dirigida ao outro por me tratar como lixo e dirigida a mim mesmo por me permitir ser tratado como lixo. nessa performance a vingança é bifurcada; consiste em esfolar lentamente o coelho e fazê-lo saltar (em carne viva) até perder as forças. é, ao mesmo tempo, um acto de resistência e um castigo.

segundo diane hoeveler, aquela *femme fatal* loira, fria e autoconfiante - aquela que enforcou calmamente o urso -, era uma espécie de libertação de um lado feminino que estava a ser reprimido. uma vez libertada, assumida, tendo feito o seu ajuste de contas, encontrou o seu lugar e ocupou-o sem precisar de se voltar a mostrar. esse homem preso na sua incapacidade de resolver as suas tensões internas, passou a ser mulher e, por isso, deixou de ter que a representar. e, por isso, ela já não precisa de surgir novamente para esfolar o coelho, ele fá-lo sozinho, sabendo claramente como tem de proceder. a revolução é interna, faz-se de dentro para fora, e é como qualquer outro exercício – precisa de treino, de repetição, para se tornar exímia.

puni, através da metáfora animal, primeiro o outro, depois o outro e a mim mesmo simultaneamente, e finalmente utilizei o animal como caricatura de mim mesmo: um veado que procura o anonimato, revelando pormenores íntimos da sua vida. um veado extremamente autobiográfico, que sublinha todos os meus temas favoritos: a identidade, a família, a infância, a morte e a sexualidade.

quando me apresento como animal é porque me parodio; uso a comédia como arma de ataque contra mim mesmo, tornando a vingança possível num acto absurdo. sou o único animal que fala; aos outros, calo-os. até porque não têm nada para dizer. porque tudo o que disseram foi suficiente.

mas este veado é imóvel, é uma espécie de bibelô gigante, um pedaço de decoração; é uma possível interpretação de como eu acho que outros me vêem. um objecto que fala. que fala e que se repete, criando assim a sua enfadonha imagem de marca. distinguindo-se da paisagem por contraste: os activos calam, os passivos falam.

à semelhança da performer inglesa hayley newman, que personifica um troféu de caça, ao deitar-se no chão, mascarada de tapete de leopardo, na sua performance 'suicide cat', na qual faz uma comparação entre a mulher e o animal morto, caçado e esventrado, usado como decoração - personificando, como ela própria o descreve, um tapete colonial -, também eu quero chamar a atenção para essa colonização dos nossos corpos, das nossas vidas. mas procuro inverter a lógica; não nos quero apenas mostrar como vítimas, mas sobretudo pôr em prática o exercício do domínio dos nossos corpos e a capacidade de os castigar, de criar uma libertação através da arte.

quero pensar que também nós podemos fazer com eles, os homens, o que quisermos, ter poder sobre eles, atribuir-lhes uma imagem degradante e fazê-lo publicamente, sem vergonha.

e fazer tal como fizeram as feministas do movimento *women in advertising*, nos anos 70, que substituíam as figuras femininas por masculinas na publicidade de forma a expor os significados culturais associados a um sexo e a outro, alterando o contexto e realçando as mitologias que se criam à volta das mulheres, do 'universo da mulher', e da sua objectificação.

nas minhas performances quis fazer a inversão de uma lógica machista, transformando os meus amantes brancos em animais, podendo assim, como a paula rego, enforcá-los ou esfolá-los, tornando o que é privado público, fazendo uma denúncia dos seus jogos de poder, da sua hegemonia, sem correr o risco de revelar demasiado, sem personalizar, criando um distanciamento - o que me permite falar do homem enquanto produto de uma cultura que perpetua inconscientemente um sexismo absolutamente aberrante.

ao castigá-los castigo-me também a mim e a essa herança da qual eu deveria fazer parte. é como um aviso. um aviso que se repete para que não seja esquecido. faço por eles o que eles deveriam fazer por si mesmos; punir-se por estarem inconscientes do modelo machista que reproduzem. e quanto mais inconsciente, mais violento se torna.

se lhes perguntarmos com que animal mais se identificam, respondem sempre: o cavalo. os homens querem todos ser cavalos, claro. querem ser apreciados pela elegância e pela força, pela velocidade e pelo vigor. mas comigo já não têm hipótese: reduzo-os a animais esfarrapados. tornam-se obscuros, domésticos, risíveis e ridículos. os animais que apresento são toscos, materializam-se numa espécie de fatos de carnaval para crianças; são infantilizados, evidencia-se a sua imaturidade. são ridículos porque já não são crianças, mas continuam a portar-se como tal. insistem nessa fábula da irresponsabilidade.

a paula rego conta também a história de um amigo seu que ela transformou em urso numa das suas pinturas. mas que um dia, mais tarde, fez o seu *coming out* como humano noutra pintura. passou de urso a humano porque, pelos vistos, o mereceu. agrada-me essa ideia do *coming out*, de passar de uma bestialidade a algo mais compassivo. estou a falar, claro, neste sentido de usar a figura do animal enquanto castigo, até porque há com certeza muitos ursos mais interessantes e compassivos que muitos homens.

resta-me esperar que esses homens-besta comecem a fazer os seus *coming outs*, que queiram voluntariamente deixar de ser fantoches totalitários, que sintam vergonha da sua condição de perpetuadores de uma visão do mundo centrada na

opressão e na violência, e passem a ser humanos, conscientes, mulheres, revolucionários.

MB, 2015